

O

*Prof. O. Gledeon.
Gunnar Vingren.*

1908-190

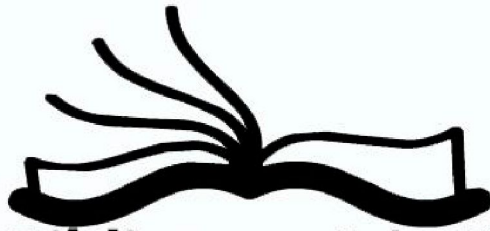
TABERNÁCULO E SUAS LIÇÕES POR GUNNAR VINGREN



*Monografia de graduação em Teologia do fundador
das Assembleias de Deus no Brasil,
defendida em 1909 no Seminário Teológico
Sueco de Chicago (EUA)*



E-book digitalizado por levitadigital
com exclusividade para:



Biblioteca Cristã

WWW.BIBLIOTECACRISTA.COM.BR

"Porque ninguém pode ser dono absoluto do conhecimento"

O TABERNÁCULO E SUAS LIÇÕES POR GUNNAR VINGREN

Traduzido por
Marta Nair Manhães de Andrade

2ª Impressão



Rio de Janeiro
2011

*Monografia de graduação em Teologia do fundador
das Assembleias de Deus no Brasil,
defendida em 1909 no Seminário Teológico
Sueco de Chicago (EUA)*

Todos os direitos reservados. Copyright © 2011 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembleias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

Adaptação dos originais: Isael de Araújo
Tradução: Marta Nair Manhães de Andrade
Revisão: Elaine Arsenio
Capa: Josias Finamore
Projeto gráfico e editoração: Alexandre Soares

CDD: 220.64 - Símbolos e Tipos
ISBN: 978-85-263-0767-3

As citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Corrigida, edição de 1995, da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação em contrário.

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso site: <http://www.cpad.com.br>.

SAC — Serviço de Atendimento ao Cliente: 0800-021-7373

Casa Publicadora das Assembléias de Deus
Caixa Postal 331

20001-970, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

2ª impressão: 2011
Tiragem 1.000

SUMÁRIO

Apresentação

Esboço

Introdução

O Tabernáculo

Comparações e contraposições ao Tabernáculo

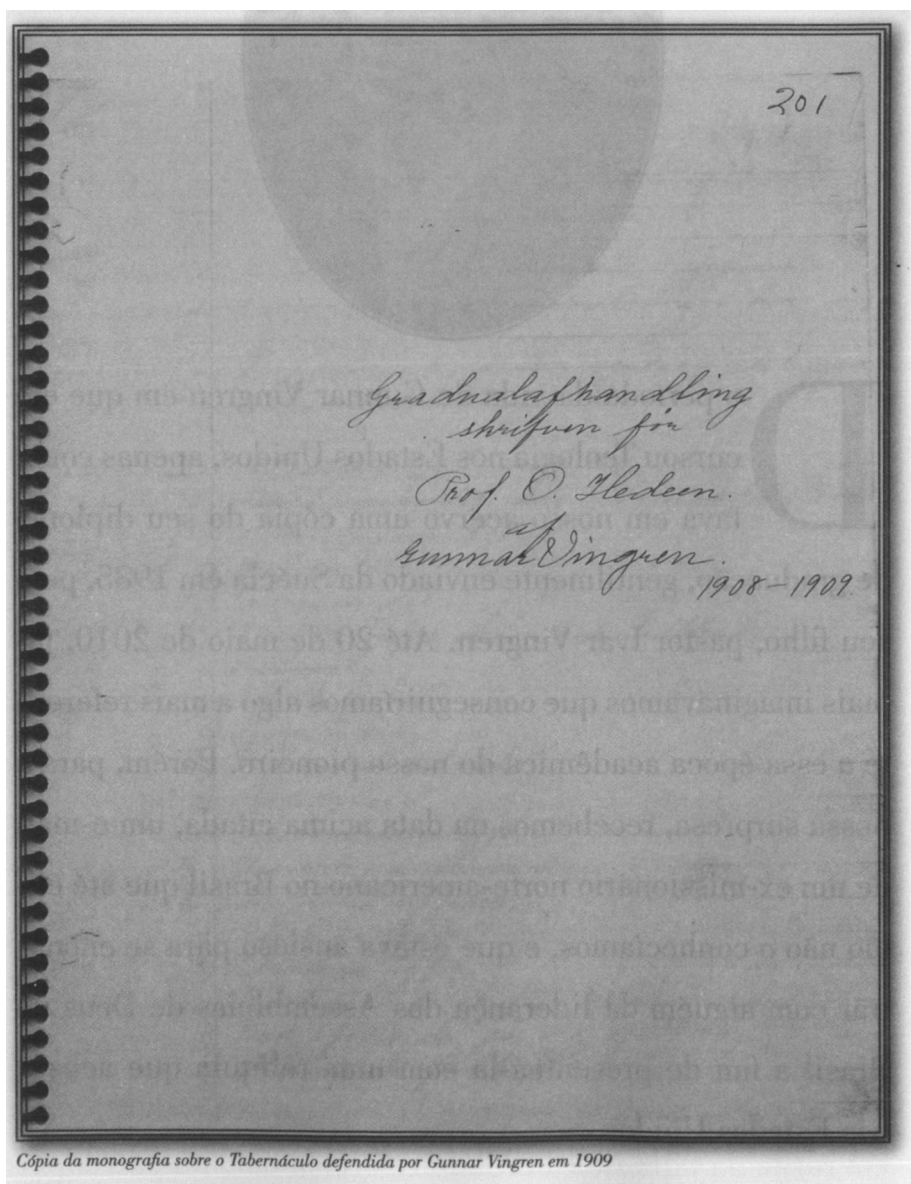
Conclusão

APRESENTAÇÃO



Do período da vida de Gunnar Vingren em que ele cursou Teologia nos Estados Unidos, apenas constava em nosso acervo uma cópia do seu diploma de graduação, gentilmente enviado da Suécia em 1985, pelo seu filho, pastor Ivar Vingren. Até 20 de maio de 2010, jamais imaginávamos que conseguiríamos algo a mais referente a essa época acadêmica do nosso pioneiro. Porém, para a nossa surpresa, recebemos na data acima citada, um e-mail de um ex-missionário norte-americano no Brasil que até então não o conhecíamos, e que estava ansioso para se encontrar com alguém da liderança das Assembleias de Deus no Brasil a fim de presenteá-la com uma relíquia que achara nos Estados Unidos.

Esse missionário se chama Joel Wright e pertence à Baptist General Conference, a antiga Convenção Batista Sueca dos Estados Unidos a qual Gunnar Vingren pertencera antes de vir para o Brasil. Wright, após trabalhar no Brasil de 1987 a



Cópia da monografia sobre o Tabernáculo defendida por Gunnar Vingren em 1909

2007, voltou para os EUA e foi morar na região de Chicago. Ali, descobriu nos arquivos do Bethel Seminary, em St. Paul, Minnesota, a monografia de graduação em Teologia do ex-aluno Gunnar Vingren. Com a autorização dos responsáveis pelos arquivos do Bethel Seminary, Wright veio ao Rio de Janeiro em 31 de maio de 2010 e nos entregou uma cópia da monografia. Wright também nos fez a oportuna sugestão de que ela fosse traduzida e publicada pela CPAD em forma de livro para servir como uma rica fonte teológica e de edificação aos obreiros e igrejas, especialmente no momento em que a igreja fundada por Gunnar Vingren festeja seu Centenário.

Em sua autobiografia, Gunnar Vingren conta que em Kansas City, onde chegou em 19 de novembro de 1903, ele pertenceu à Igreja Batista Sueca e os irmãos dali o recomendaram que entrasse para o Seminário da denominação batista sueca em Chicago.

Os batistas da Suécia se estabeleceram na América do Norte nas primeiras décadas de 1800, tendo sido a maior parte do contingente de emigrantes suecos que seguiu para o Novo Mundo. Isso porque, embora se considere o motivo econômico o principal motor do fluxo emigratório sueco, cronologicamente o religioso era o principal. Na verdade, os suecos batistas foram para a América do Norte em razão da falta de liberdade religiosa em sua pátria por

causa da igreja estatal sueca, a luterana. Adolf Olson, historiador dos batistas suecos na América do Norte, afirma que, durante os primeiros vinte e cinco anos, praticamente todos os membros das igrejas batistas suecas eram pessoas nascidas na Suécia, e que se tornaram batistas na Suécia ou se converteram e se juntaram às igrejas batistas suecas na América. Assim foi que em 1852, os batistas suecos fundaram a Convenção Geral Batista Sueca da América (CGBSA).

Quando Gunnar Vingren chegou à Kansas City, conta ele, apesar de não falar inglês, encontrou a casa do seu tio Carl Vingren. Este tio de Gunnar pertencia à CGBSA. Carl foi missionário batista na China e pastor das seguintes igrejas batistas suecas na América: Primeira Igreja Batista Sueca (atual Bemis Parle Baptist) de Omaha (Nebraska), de 1898 a 1901; a Primeira Igreja Batista Sueca de Minneapolis, de 1912-1918; e a Igreja Batista Sueca de Kingsburg, na Califórnia, de 1918 a 1924.

Desde a sua infância na Suécia, Gunnar Vingren sentia a chamada de Deus para trabalhar na sua obra. Todavia, aprendeu com o seu pai a profissão de jardineiro na qual trabalhou até os seus 19 anos. Mas, como a chamada para a obra de Deus falava mais alto, depois do batismo nas águas aos 18 anos, iniciou suas primeiras atividades ministeriais na Igreja Batista de Wråka, Småland, em 1897, ao substituir seu pai no

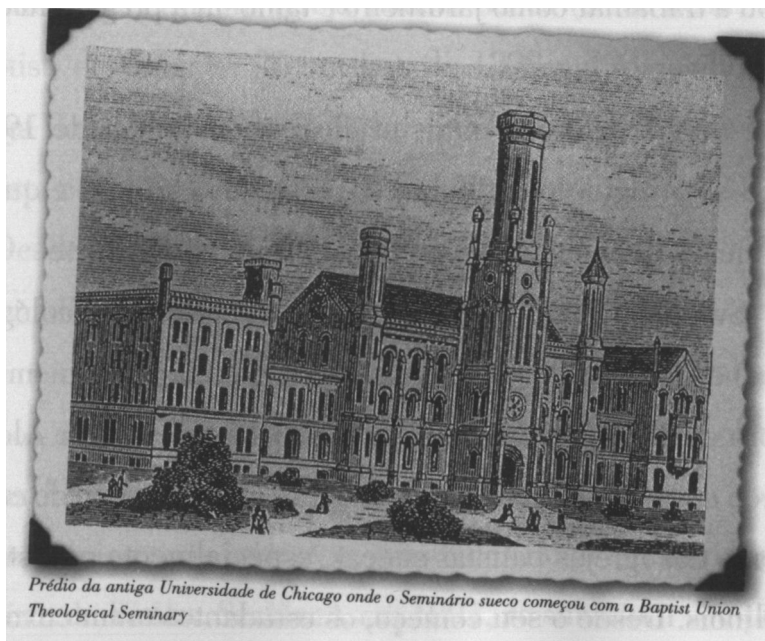
trabalho da Escola Dominical. A partir de então, começou a sentir a necessidade de aperfeiçoar sua vida espiritual e se lançar mais intensamente no trabalho de evangelização. Para isto, participou de uma Escola Bíblica durante um mês em Götabor, Närke, numa federação de evangelização. Após receber instrução bíblica, foi enviado a trabalhar como evangelista juntamente com outros 14 participantes. Na companhia de outro jovem evangelista, evangelizou nas províncias de Skane, Västergötland e Östergötland. Sua carreira de evangelista foi interrompida para prestar o serviço militar. Mas mesmo assim continuou desempenhando seu ministério evangelístico pregando o evangelho aos seus colegas soldados. Após 68 dias de serviço militar, retornou para a casa de seus pais. Voltou a trabalhar como jardineiro e também a pregar em cultos em diversos lugares.

Foi nessa condição ministerial que, em junho de 1903, sentiu-se atingido pela "febre dos Estados Unidos" e quase sete meses depois desembarcou na América do Norte.

O Swedish Theological Seminary (Seminário Teológico Sueco) de Chicago no qual Gunnar Vingren ingressou em setembro de 1904, foi fundado pelo batista sueco John Alexis Edgren em 1871. O Seminário foi um fator de impulso do crescimento das igrejas batistas suecas, especialmente no Estado de Illinois. Desde o seu começo, os estudantes eram envolvi-

dos ativamente na pregação do evangelho e tiveram parte vital por mais de quarenta anos na formação de praticamente cada igreja na região de Illinois, e mais especificamente no centro metropolitano de Chicago. Gunnar Vingren informa em sua autobiografia que durante os estudos neste Seminário, pregou muitas vezes em diferentes igrejas e em diferentes lugares. Em seu primeiro estágio, de junho até dezembro, pregou na Primeira Igreja Batista de Chicago. No segundo, em Sycamore, Illinois. No estágio do Natal, pregou em Blue Island, Illinois. A terceira vez que estagiou, ajudou novamente em Sycamore, e nos últimos estágios, foi pastor em Mountain, Michigan.

A época de Gunnar Vingren no Seminário foi a do chamado segundo período de dependência dessa instituição funcionan-





Morgan Hall, a sede do Seminário sueco em Chicago, de 1888 a 1914

do em Morgan Park fazendo parte do Plano de União com a Universidade de Chicago.

Este período no Morgan Park durou de 1888 a 1914 e foram anos notáveis em que um imenso grupo de homens bem preparados foi graduado e saiu como bem-sucedidos mensageiros da cruz para todas as partes do mundo.

A Convenção Geral dos batistas suecos de 1888, reunida em Chicago, é muito importante na história do Seminário porque foi a ocasião em que se decidiu a mudança de Nebraska para Morgan Park unindo-o novamente à Baptist Union Theological Seminary e tornando-o um Departamento sueco separado dos Departamentos dinamarquês e norueguês. O nome da instituição foi primei-

ramente "The Swedish Department of the Baptist Union Theological Seminary", e mais tarde, a partir de 1892, "The Swedish Theological Seminary, The Divinity School of the University of Chicago". A mesma assembleia anual de 1888 convocou Carl Gustaf Lagergren, então pastor em Sundsvall, Suécia, para assumir os deveres de deão do Seminário. Lagergreen era bem qualificado para essa posição tendo recebido educação superior na Suécia. Ali e nos Estados Unidos, ficou conhecido não somente como estudante brilhante, mas também como poderoso pregador da Bíblia e escritor de alta reputação em literatura religiosa, principalmente como editor de vários jornais. Este era o deão do Seminário na época de Gunnar Vingren.

Se os estudos na Escola Bíblica em Gõtabro, Suécia, ministrados pelos profundos e fervorosos pastores Emílio Gustavsson e C. J. A. Kihlstedt, lhes fizeram bem por toda a sua vida como ele declara em sua autobiografia, sobre o seu período no Seminário, Gunnar Vingren declara que o Senhor esteve com ele durante todo o tempo e o ajudou maravilhosamente. Seus mestres foram Eric Sandell, N. N. Morten, Olof Hedeén e W. A. Peterson.

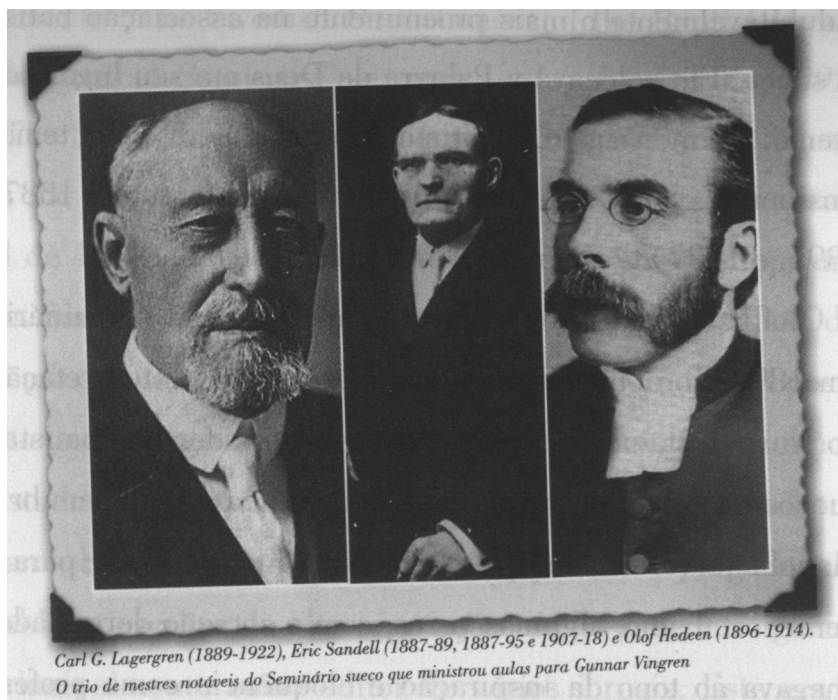
Eric Sandell era conhecido pela sua notável carreira como pastor em três igrejas e educador entre os batistas suecos. Também era destacado como filósofo e profundo pensador,

indubitavelmente o mais proeminente na associação batista sueca. Ele colocava a Palavra de Deus em seu lugar supremo, e a mensagem do Cristo crucificado era o seu tema. Ensinou no Seminário em dois períodos diferentes, 1887-1895, e 1907 até sua morte em 1918.

Olof Hedeén aceitou o convite para ensinar no Seminário em 1896. Tornou-se professor de Grego e de Interpretação do Novo Testamento. Adolf Olson, historiador dos batistas suecos na América, revela que Hedeén era um homem brilhante e fervoroso, do tipo emocional, "inclinando-se para o pentecostalismo, algumas vezes, com o coração derramado, chegava ao topo da inspiração e eloquência como professor e pregador". No seu pastorado na Igreja Batista Sueca do Brooklyn, Nova York, de 1890 a 1895, houve um grande avivamento espiritual. Por sete anos pastoreou a Igreja Emerald Avenue e, de 1921 a 1930, foi o secretário-geral de Missões da sua denominação. Partiu para a vida eterna em 1936, aos 76 anos de idade.

O deão Carl Gustaf Lagergren, Eric Sandell e Olof Hedeén ficaram conhecidos como o trio notável do Morgan Park.

Atualmente o seminário sueco se chama Bethel Theological Seminary com campus em St. Paul, San Diego e East Coast, operando uma universidade de aproximadamente 6.200 alunos.



Carl G. Lagergren (1889-1922), Eric Sandell (1887-89, 1887-95 e 1907-18) e Olof Hedeén (1896-1914).
O trio de mestres notáveis do Seminário sueco que ministrou aulas para Gunnar Vingren

Gunnar Vingren terminou seus estudos no Seminário e foi diplomado em 11 de maio de 1909. Teve Olof Hedeén como seu tutor, a quem entregou sua monografia de graduação com 76 páginas escrita à mão e em sueco, pois as aulas no Seminário em Chicago eram ministradas no idioma pátrio do pioneiro.

Na capa está escrito em sueco *gradnalaafhandling*, "tese de graduação". Como a graduação obtida por Gunnar Vingren seria equivalente hoje à graduação no curso superior em Teologia, tomamos este trabalho acadêmico como monografia. Também é informado que a monografia foi entregue ao "professor" Olof Hedeén. Este título "professor" era mais que



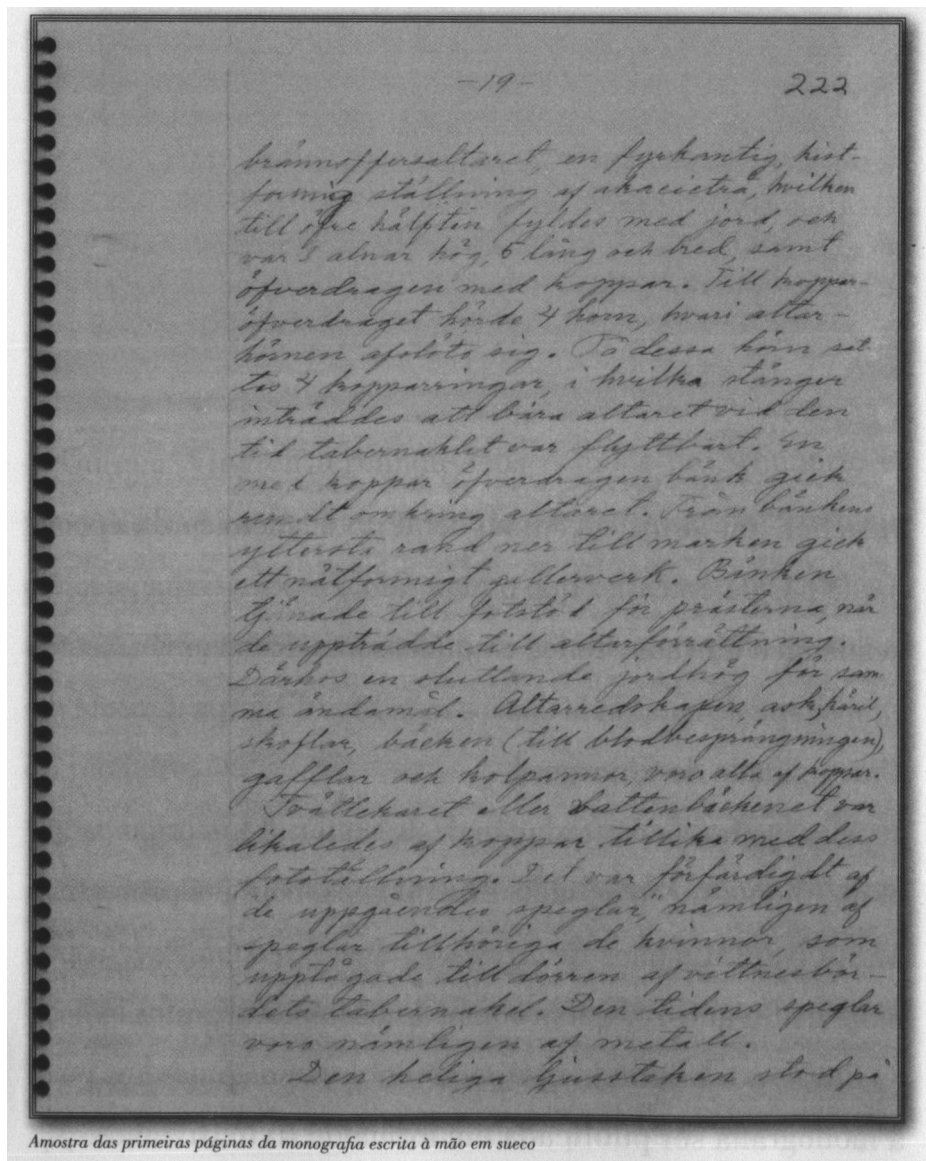
Gunnar Vingren (primeiro à esquerda, sentado) junto com seus companheiros na época de seus estudos no Seminário Batista Sueca de Chicago

"teacher" ou *larar* (sueco) no contexto acadêmico da época, o que nos dá entender que o tutor Olof Hedeén tinha posição acadêmica elevada. Todos os professores do Seminário estavam em pé de igualdade com os membros do corpo docente da Universidade de Chicago.

A árdua tarefa de tradução deste material histórico escrito no idioma sueco de mais de 100 anos, coube a professora Marta Nair Manhães de Andrade, que viveu na Suécia por mais de 30 anos. A quem somos imensamente gratos.

Embora o original seja pequeno em seu tamanho, para a monografia ser publicada em forma de livro, tivemos que

estruturar todo o texto em cinco partes. Mesmo tendo sido endereçada às exigências acadêmicas, Gunnar Vingren não se preocupou com a erudição teológica no seu conteúdo. Ao contrário, a memorável história do Tabernáculo é descrita por ele usando puramente a narrativa bíblica in-



Amostra das primeiras páginas da monografia escrita à mão em sueco

serindo, no momento adequado, um comentário devocional com notória espiritualidade visando à aplicação prática na vida dos crentes, seus leitores. Podemos constatar aqui o seu estilo de escrever nos jornais *Boa semente*, *O Som Alegre* e *Mensageiro da Paz* e na pregação que o marcou

202

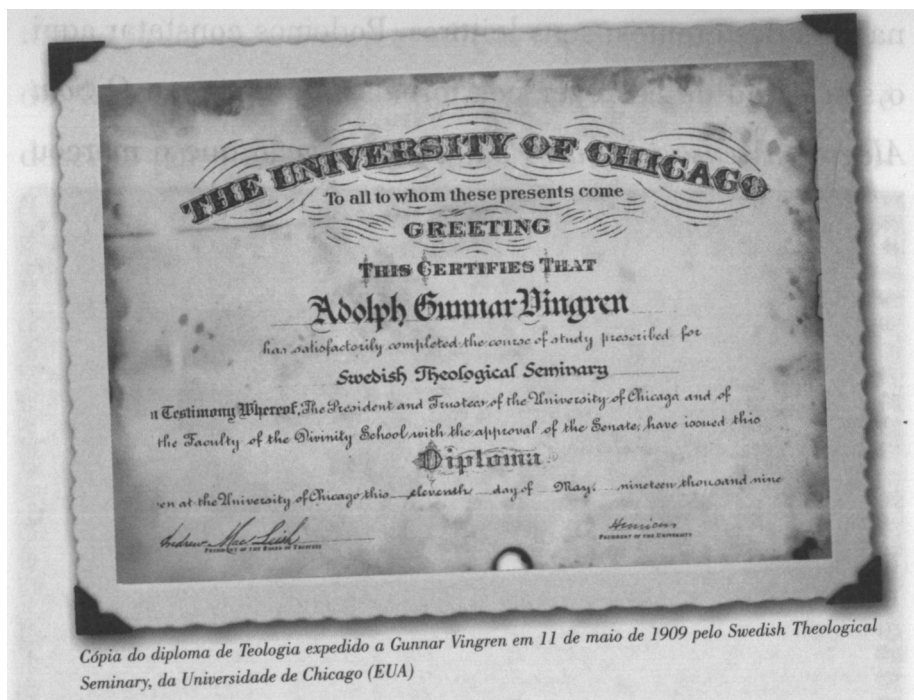
Tabernaklet uti gamla och Nya Testamentets Giv.

1. Orsaker till tabernaklets byggande.
2. Tiden och motståndigheterna för Tabernaklets byggande.
3. Personen, som fick i uppdrag att bygga Tabernaklet.

I Själva Tabernaklet.

1. Sammanskottet till Tabernaklet.
 - 1) Tillrättgäendet.
 - 2) Materialet.
2. Bygget.
3. Dess många delar och tillbehör.
 - 1) Altaret.
 - 2) Tvättekaret.
 - 3) Ljusstaken.
 - 4) Skådeskråbordet.
 - 5) Rökaltaret.
 - 6) Förbundsarken.
4. Herrens inneboende.
5. De olika offer.
 - 1) Blodiga offer.
 - 2) Oblodiga offer.
6. Prästernas friskskriften och äligganden.
 - 1) Med afseende på sig själva.
 - 2) Rörande folket.

enquanto trabalhou no Brasil — simples, profundo e com muita devoção.



Recém-formado no verão de 1909, cheio de conhecimento bíblico e teológico adquirido durante os mais de quatro anos de estudos no Seminário, Gunnar Vingren nem por isso trançou o seu coração para que Deus lhe acrescentasse mais do seu maravilhoso poder. Sentiu grande sede de receber o batismo com o Espírito Santo e com fogo que muitos dos crentes batistas suecos na região de Chicago do seu tempo já estavam experimentando. Logo, recebeu o batismo com o Espírito Santo, falou em línguas, o que tanto desejava e, pouco tempo depois, Deus o chamou para realizar a grande obra que lhe

estava reservada em terras brasileiras. Com muita unção e poder do Espírito Santo, aqui ele evangelizou, pregou, ensinou, escreveu, cantou, orou e pastoreou durante frutíferos 22 anos. Soube muito bem ser um pentecostal de coração e mente. Agora, por causa da sua grande fé e devoção ao seu Mestre Jesus, "depois de morto, ainda fala" por meio desta bela obra literária.

Pastor Isael de Araújo, chefe do Centro de Estudos do Movimento Pentecostal (Cemp) e autor do *Dicionário do movimento pentecostal (CPAD)*

Bibliografia consultada:

OLSON, Adolf. *A centenary history— as related to the Baptist General Conference of América.*

Chicago, Illinois, Baptist Conference Press, 1952, p. 431-433, 483-488.

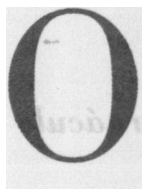
MAGNUSON, Norris A. *Missionsskolan: The history of an immigrant theological school; Bethel Theological Seminary 1871-1981.* St. Paul, Minnesota, Bethel Theological Seminary, 1981, p. 35-50.

VINGREN, Ivar. *O diário do pioneiro.* Rio de Janeiro, CPAD, 1973, p. 13-23.

Fotos:

Arquivo CPAD; MAGNUSON, Norris A. *Missionsskolan: The history of an immigrant theological school; Bethel Theological Seminary 1871-1981.* St. Paul, Minnesota. Bethel Theological Seminary, 1981; *How uie grew — Highlights of the first 150 years of Converge Worldwide (Baptist General Conference) history, USA,* (revista), p. 8.

ESBOÇO



Tabernáculo à luz do Antigo e do Novo Testamento

1 - As razões para a construção do Tabernáculo.

2 - A época e as circunstâncias em torno da construção do Tabernáculo.

3 - As pessoas incumbidas de construir o Tabernáculo.

I

1. A coleta para o Tabernáculo.

a) O procedimento;

b) O material.

2. A construção.

3. Partes integrantes e utensílios.

a) O altar;

b) A bacia;

- c) O candelabro;
 - d) A mesa com os pães da proposição;
 - e) O altar dos incensos;
 - f) A arca da aliança.
4. A morada do Senhor.
5. As ofertas.
- a) As ofertas com sangue;
 - b) As ofertas sem sangue.
6. Deveres e atribuições dos sacerdotes.
- a) No que diz respeito aos sacerdotes;
 - b) No que diz respeito ao povo.

II - Comparações e contraposições ao Tabernáculo

1. Cristo (Hb 10.19-25; 8.2; 9.11).
2. Todo o caminho da salvação divina.
- a) O átrio (pátio) — os que são salvos fora da igreja;
 - b) A tenda do Testemunho — a igreja cristã (Hb 9.8-10);
 - c) A bacia — o batismo nas águas;
 - d) O candelabro — a Palavra de Deus (Jo 1.1);
 - e) A mesa com os pães da proposição — a ceia do Senhor,
 - f) O altar dos incensos — a oração (Hb 4.16);
 - g) A arca da aliança — o trono da graça.
3. O santuário celestial (Ap 13.6; 21.3; 15.5; Hb 8.5; 2 Co 5.1,2).

Conclusão

1 - A possibilidade e a bênção de assistirmos ao Senhor guiando, passo a passo, o seu povo em obediência ou desobediência.

2 - Os benefícios de termos recebido contraposições ao Tabernáculo.

INTRODUÇÃO



Deus, o eterno, sábio e onipotente, sempre teve um plano para tudo o que fez e faz. Assim foi quando ordenou a construção do Tabernáculo.

Quando nos referimos ao Tabernáculo, queremos dizer tenda, casa ou morada com a conotação bíblica de um lugar sagrado.

Foram várias as razões para a construção do Tabernáculo. Os filhos de Israel tinham conhecimento dos costumes, das tradições e do procedimento dos cultos dos pagãos, de forma que julgavam mais do que justo e oportuno que eles também consolidassem normas e procedimentos para seus próprios cultos, que lhes servissem como referência no futuro.

Eles eram o povo do Deus poderoso que, com braço firme, os retirou do Egito. Eram considerados fortes pelas nações vizinhas por terem sido guiados por Jeová. O culto a um Deus elevado, sagrado e puro, que era o deles, deveria, portanto, servir de exemplo para outros povos.

A história sobre a origem do homem conta que ele foi criado à imagem e semelhança de Deus para adorá-Lo e servi-Lo, trazendo, portanto, em sua alma, um desejo que só Deus pode satisfazer. Quando o homem não está instruído sobre a maneira correta de satisfazer este desejo, ele busca no paganismo um objeto para idolatrar.

Deus sabia que, se os filhos de Israel não tivessem normas definidas para os seus cultos sagrados, logo se tornariam pagãos, adorando deuses que jamais estariam ao lado deles para socorrê-los. O que seria deles sem o respeito pelo único e verdadeiro Deus? Como poderiam amá-lo se, para tanto, não adquirissem o conhecimento necessário?

Foi então que Deus ordenou a construção do Tabernáculo — um templo em que Ele pudesse assegurar a sua presença, onde pudesse ser revelado e adorado pelos seus filhos, um templo onde aprenderiam a amá-Lo — uma miniatura que lhes daria a noção da sua verdadeira e grandiosa morada, aquela que não é construída com as mãos do homem, mas sim com a sua palavra onipotente.

Se observarmos a época e as circunstâncias em que foi erguido o Tabernáculo, veremos que a obra foi executada imediatamente após o retorno do servo de Deus, Moisés, do monte Sinai, ou seja, 2.450 anos antes do nascimento de Cristo (Êx 40.17).

As circunstâncias eram muito alvissareiras. Os filhos de Israel não estavam mais sob o regime de servidão, mas sim, na condição de homens livres para louvar, obedecer e servir ao seu Libertador.

Antes de saírem do Egito, o Senhor os agraciara com a mercê de Faraó, de forma que lhes fora dado tudo o que haviam reivindicado, o que muito contribuiu para que se tornassem um povo com recursos para realizar o empreendimento que tinham em mente. E, se porventura precisassem de algo, bastava-lhes levantar os olhos para o Senhor, pedindo-Lhe que os ajudassem, pois estavam agindo segundo a sua vontade.

A Tenda (Tabernáculo) deveria, por ordem divina, ser construída de forma que pudesse ser removida e carregada durante a peregrinação no caminho da terra de Canaã. Um fator positivo era que, daí por diante, mais nenhum trabalho ou esforço para a construção do Tabernáculo seria necessário. Foi, portanto, uma benção, do ponto de vista do bem

estar físico e espiritual do povo o fato de o Tabernáculo ser uma obra concluída, pronta para servir de modelo para as gerações futuras. Com a construção do Tabernáculo e as celebrações religiosas, Deus seria louvado e respeitado pelo seu povo e pelos povos vizinhos. E como era necessário um homem forte no comando da construção, Deus escolheu o hebreu Moisés.

Moisés fora socorrido pelo Senhor quando, bem pequeno, fora jogado dentro de um cesto de junco, no leito do rio Nilo, onde, milagrosamente, foi encontrado pela filha do Faraó. Ela ordenou, então, que o criassem e o educassem. Foi em virtude da educação recebida na corte do Faraó, que Moisés adquiriu valiosos conhecimentos que, mais tarde, o ajudariam a cumprir sua missão, atendendo ao importante chamado de Deus.

Poucos poderiam imaginar que uma filha de Faraó viria a contribuir para a formação de Moisés, o Patriarca que destruiria o poder dos egípcios, provocando o afogamento do próprio Faraó nas águas do mar Vermelho.

Quando adulto, vivendo ainda nas terras do Egito, o Senhor mostrou a Moisés a miséria e o sofrimento dos hebreus, submetidos ao regime de servidão. Foi, certamente, imbuído de um sentimento de solidariedade e indignação que Moisés defendeu e matou um egípcio quando este co-

vardemente agredia um hebreu. Quando o Faraó soube do ocorrido, Moisés foi obrigado a fugir e, guiado pelas mãos de Deus, foi parar em Midiã, onde serviu como pastor a um sacerdote, chamado Jetro, de quem recebeu uma filha em casamento.

Assim como os anos vividos na corte do Faraó foram de grande importância para a formação intelectual de Moisés, os 40 anos vividos, tranqüilamente, apascentando ovelhas no deserto, o enriqueceram espiritualmente, fortalecendo-o para o cumprimento da missão que o Senhor reservara para ele.

A experiência no deserto fez de Moisés outro homem. Afastado dos círculos mundanos e desprovido de qualquer egoísmo, ele se entregou inteiramente à vida tranqüila e despojada de pastor.

Quando o Senhor se manifestou para ele, através de um arbusto em fogo, ordenando-lhe que libertasse o seu povo e o levasse para uma terra onde manava leite e mel, Moisés retrucou humildemente: "Enviai Senhor quem quiserdes, porque eu não sou um homem com o dom da palavra". Contudo, logo o Senhor o confortou, prometendo que estaria sempre ao seu lado, orientando-o por meio de milagres e sinais, sempre lhe mostrando como proceder na corajosa tarefa de retirar o seu povo do Egito.

Por ordem de Deus, Moisés partiu, então, de Midiã para encontrar seu irmão Arão no monte Horebe, de onde partiram juntos para libertar os filhos de Israel da servidão.

Nesta sua segunda estada no Egito, Moisés foi tratado como um Deus, pois o Senhor estava com ele, o que prova que o Senhor protege quem Ele quer e que nada pode impedir a realização dos seus planos. Assim sendo, ninguém mais poderia impedir Moisés de cumprir sua missão. Nem as mais sofisticadas armas teriam o poder de combater o que fora determinado por Deus. Graças a esta força divina, o povo de Israel conseguiu se retirar do Egito, afogando seus inimigos no mar Vermelho.

Moisés tornou-se, então, o guia de cerca de dois milhões de pessoas que o admiravam, pedindo conselho e proteção. A ele, foi conferida a missão de manter, no seio do povo de Israel, o amor e o temor a um só Deus em toda a sua magnificência.

Porém, tudo isso só foi possível porque o Senhor estendeu sua mão sobre Moisés, orientando-o passo a passo, ensinando-lhe que mais valia suportar as adversidades junto ao seu povo no deserto do que usufruir dos prazeres transitórios do pecado. Como um instrumento nas mãos de Deus, Moisés assumiu a imensa responsabilidade de, através do deserto, conduzir os filhos de Israel à Terra Prometida.

Foi no monte Sinai que Deus se revelou e entregou a Moisés e ao seu povo os dez mandamentos, as instruções para a construção do Tabernáculo e as normas para a realização dos cultos.

O TABERNÁCULO



Por ordem divina, o Tabernáculo propriamente dito, a mosaica tenda do Testemunho, constituiria uma morada sagrada, erguida segundo um modelo celestial, um pequeno universo (um microcosmo) e um símbolo de todo o universo criado por Deus (um macrocosmo). Em seus mínimos detalhes, o Tabernáculo seria uma representação da ordem do universo. Ele ficaria situado no meio do arraial, rodeado de um átrio retangular com cem côvados de comprimento e cinquenta de largura, sustentado por colunas de cinco côvados de altura, com parede de cortinas de linho retorcido.

No Tabernáculo haveria um espaço para a congregação em geral, mas, alguns compartimentos ficariam reservados especialmente para pastores, mulheres, gentios, etc.

Apesar de bem maior que uma tenda comum, o Tabernáculo se assemelhava à tenda de Abraão.

Foi ordenada, então, a realização de uma coleta para a construção do Tabernáculo, na qual seria voluntariamente ofertados ouro, prata, cobre, estofos de cor azul escura, púrpura e carmesim, linho fino e pelos de carneiro tingidos de vermelho, pele de texugo, madeira de acácia, azeite para a luz, especiarias para o óleo de unção e para o incenso aromático, pedras de ônix e pedras de engaste para a estola sacerdotal e para o peitoral.

E, muitos artífices foram convocados para executar a obra do Senhor — o Tabernáculo com suas duas coberturas, a mesa com os varais e seus utensílios, os pães, o candelabro com seus apetrechos, o azeite para acender as luzes, a arca com seus varais e o propiciatório, os véus, as colunas, o altar de incensos, o altar dos holocaustos com sua grelha de cobre e seus utensílios, a cobertura da porta na entrada da tenda, as cortinas na entrada do átrio, os pregos, as cordas, as tábuas com suas bases, as vestes sacerdotais para Arão e seus filhos designados pelo Senhor para o oficiarem como sacerdotes.

E vieram os filhos de Israel, homens e mulheres com as suas doações: brincos, braceletes, vasos de ouro, anéis, colares, jóias de ouro, objetos de cobre e prata. Ofereciam de

coração o que lhes fora solicitado para a elevação da tenda da congregação, para o ministério dos ofícios e para a confecção das vestes santas.

E todos os que possuíam linhos finos, pelos de cabra, carneiro e texugo, tingidos de cores azul escuro, púrpura e carmesim, doaram. Os chefes das tribos trouxeram pedra de ônix e de engaste para enfeitar a estola sacerdotal e o peitoral, além de especiarias, óleo para o candelabro e incensos aromáticos. E, toda mulher, com o coração movido pela sabedoria, fiava pelos de cabra para as vestes sacerdotais. Foram tantas as oferendas, que Moisés teve que pedir ao povo que parasse de doar. Isso porque todos queriam agir segundo a palavra do Senhor, que lhes ensinava ser mais glorioso doar do que receber.

Conta-se que um pregador foi, certa vez, abordado por uma pessoa querendo saber onde ficava o céu e o pregador disse: "Você, certamente, conhece alguma família pobre vivendo em algum lugar. Pois, vá até eles, levando-lhes uma cesta com comida e, depois, diga-me se, naquele momento, você não se sentiu no céu". E assim foi feito. Dias mais tarde, o homem voltou com o rosto radiante e o coração cheio de alegria e disse ao pregador: Você falou a verdade.

Assim ocorre, também, quando seguimos os ensinamentos de Cristo, procurando aliviar, consolar e ajudar

os nossos semelhantes. Quando doamos o que nos foi concedido pelo Senhor, nos sentimos verdadeiramente felizes.

Mas, voltemos ao Tabernáculo e às ordens do Senhor: "E me farão um santuário, e habitarei no meio deles". O Tabernáculo com seus utensílios foi, portanto, construído segundo o modelo ordenado pelo Senhor.

Os panos para as dez cortinas foram tecidos com fios de linho fino retorcido, de cor branca, azul escuro, púrpura e carmesim, e bordados com querubins. A cortina tinha vinte e oito côvados de comprimento e quatro côvados de largura. Todas com mesma medida. Cinco deviam ser emendadas, formando uma só, da mesma forma que as outras cinco. Havia laçadas de estofa azul na orla da cortina que ficava na extremidade do primeiro agrupamento de cortinas e da mesma forma, havia laçadas na orla da cortina que ficava na extremidade do segundo agrupamento.

Em cada agrupamento de cortinas havia cinquenta laçadas que ficavam contrapostas umas às outras. Cinquenta colchetes de ouro juntavam as cortinas, de maneira que o Tabernáculo formasse um todo, conforme ordenara o Senhor.

E a parte que restasse das cortinas, a saber, uma meia cortina, esta foi pendurada no fundo do Tabernáculo. Além disso, foi confeccionada uma cobertura tingida de vermelho, e outra, de peles finas, para ser colocada sobre a primeira, cobrindo a tenda.

Moisés convocou Bezalel e Aoliabe e outros artífices, imbuídos de devoção e sabedoria e dotados de inteligência e habilidades para elaborar o santuário, cumprindo o que fora ordenado pelo Senhor no monte Sinai (Êx 26.36).

O Tabernáculo, já concluído, tinha dois compartimentos principais, isto é, o Lugar do Santo (o santuário) com trinta côvados de comprimento e o Lugar do Santíssimo com vinte côvados de comprimento e doze côvados de largura. Foram levantadas quarenta e oito tábuas encaixadas, sendo vinte de cada lado e oito na parte dos fundos. Cada tábua tinha meio côvado de largura e dez côvados altura. Cada uma tinha dois encaixes, travados com travessas de madeira que passavam por argolas. Todas essas peças eram cobertas de ouro. A obra não era feita só de madeira, mas também de peças de estofa e tapeçaria, que lhe conferiam, evidentemente, o aspecto de tenda.

A cobertura principal e mais importante era formada por dez peças de estofa em algodão puro e dois panos tingidos com as cores azul, vermelho, carmesim e púrpura. Esta co-

bertura, toda bordada com querubins, cobrindo as paredes internas e o teto, presa por cinquenta colchetes de ouro, era tão preciosa, que a chamavam de "a morada". Sobre ela foi estendida uma cobertura externa, feita com a mais fina pele de carneiro, que passou a ser chamada de "tenda sobre a morada".

Além das coberturas, havia os véus na entrada do Lugar do Santo (santuário) e do Lugar do Santíssimo. As entradas para o átrio e para o santuário davam para o leste e as do Santíssimo davam para o oeste (Êx 26.15-30; 27.9). Esta foi uma descrição resumida da construção do Tabernáculo.

Como já vimos, foram muitos os detalhes, os utensílios, os pertences e as divisões do Tabernáculo. A razão para tanto esmero foi o desejo de que a obra fosse grandiosa e que suscitasse a admiração de todos que dela se aproximassem para temer e louvar a Deus, na grandiosidade de seus planos.

Tudo que Deus faz deve ser visto como grandioso, pois os seus pensamentos são mais elevados que os nossos e os seus caminhos estão acima dos nossos. Toda nossa sabedoria e conhecimento são dádivas de Deus.

O altar dos holocaustos constituía uma peça impressionante. Era quadrada, em forma de baú, feita com ma-

deira de acácia, cheia de terra até a metade. Tinha cinco côvados de comprimento, cinco de largura e três côvados de altura, toda coberta de cobre. Nos seus quatro cantos havia quatro chifres, cobertos de cobre, formando uma só peça com o altar. Tinha quatro argolas de cobre por onde passavam os varais para carregar o altar quando necessário. O altar tinha recipientes para recolher as cinzas, pás, bacias, garfos e braseiros, todos de cobre. Tinha também uma grelha de cobre, em forma de rede, com uma argola de metal nos seus quatro cantos. Uma bancada de cobre rodeava o altar, servindo para apoiar os pés dos sacerdotes durante o ofício. Todos os vasos e utensílios do altar dos holocaustos eram de cobre, sendo os seus varais de madeira de acácia, também cobertos de cobre.

Com sua haste, seus braços, seus cálices, e suas maçãs, ele formava uma só peça em puro ouro batido. Os braços eram seis, três de cada lado. Em cada braço, havia três cálices em forma de flor de amendoeira e cada cálice tinha uma peça em forma de maçã e uma flor. No próprio corpo do candelabro havia quatro cálices em forma de flor de amêndoa, quatro maçãs e quatro flores. Havia também uma maçã embaixo de cada um dos seis braços do candelabro. O azeite para acender as sete lâmpadas do candelabro era renovado

diariamente. A peça inteira foi produzida com um talento de ouro puro.

A mesa com os pães da contemplação, como era denominada por Lutero, ou a mesa com os pães da face de Deus ficava do lado norte do santuário. Como todos os outros objetos de madeira, a mesa era também feita de acácia. Tinha dois côvados de comprimento, um côvado de largura e um côvado e meio de altura. Era coberta de ouro e exibia uma bordadura de ouro ao seu redor, além de uma moldura de ouro, com a largura de quatro dedos e uma bordadura ao redor da moldura. Tinha quatro pés e uma argola de ouro em cada um dos seus quatro cantos, por onde passavam os varais para levantá-la e carregá-la quando necessário fosse.

Os utensílios da mesa eram os garfos, as colheres, os pratos, as taças, os recipientes para incenso. As colheres eram, provavelmente, utilizadas para os incensos e as taças para as libações. Todos os utensílios eram de ouro. Sobre a mesa, colocavam-se os pães em duas fileiras, seis em cada uma e, também, o vinho. Os pães eram feitos com flor de farinha e purificados com incenso. Aos sábados, os sacerdotes faziam a renovação dos pães. O vinho e os pães, colocados perante a face de Deus, simbolizavam os frutos do trabalho do povo nas plantações e nas vinhas, bem como

a sua submissão a Deus, de onde todo bem e toda dádiva emanam. E os pães eram doze, como o número das tribos de Israel, pois era em nome de todo o povo que os pães eram feitos para o ofício de Deus.

Jesus afirmava que o pão era o seu alimento. Quando o sacerdote preparava o pão, bem cedo toda manhã, ele dizia: "Assim, me entrego a ti, Senhor, em oração".

O altar dos incensos ficava entre o candelabro e a mesa, porém mais próximo do véu que protegia o Lugar do Santíssimo. De madeira de acácia, o altar dos incensos era um quadrado coberto de ouro, com um côvado de comprimento e um côvado de largura. Tinha quatro cantos e uma bordadura de ouro ao redor. Enquanto o altar dos holocaustos era de cobre, o dos incensos era de ouro e, por esta razão, era chamado de "altar dourado" ou "altar interno", por ficar dentro do Lugar Santo (santuário). Os incensos eram feitos com especiarias aromáticas em quantidades bem dosadas, uma mistura pura e sagrada. A pessoa que produzisse um desses incensos ou fizesse esta mistura para deleite ou uso pessoal, seria expulsa da congregação.

A Arca da Aliança e o propiciatório (trono da graça) ficavam no Lugar Santíssimo, pois era a mais sagrada de

todas as peças do Tabernáculo. A arca era feita de madeira de acácia, coberta de ouro por dentro e por fora. Tinha dois côvados e meio de comprimento por um côvado e meio de largura e de altura, decorada com uma bordadura de ouro ao seu redor. Uma argola de ouro ficava pendurada em cada um dos seus quatro cantos. Tinha dois varais de madeira de acácia, cobertos de ouro, para serem enfiados nas argolas caso a arca tivesse que ser removida. Dentro da arca ficava guardado o Testemunho ou Testamento, isto é, as duas tábuas em que foram escritos, pelas mãos de Deus, os Dez Mandamentos. A tampa da arca, denominada trono da graça (propiciatório), era dourada, tendo sobre ela, em cada uma das duas extremidades, um querubim de ouro puro, formando uma só peça. Como os dois querubins não foram descritos por Moisés, torna-se difícil saber como eles realmente eram. Existe somente um relato dizendo que os dois querubins ficavam voltados um para o outro, com as asas abertas, protegendo a arca e o propiciatório.

para ser cobertas, mas sim reveladas através do propiciatório. A finalidade da arca era guardar e abrigar a face de Deus, a sua presença misericordiosa. Por esta razão, a posição dos dois querubins era curvada, em reverência, dian-

te da face de Deus e voltada para o trono da graça (o propiciatório). A arca e o propiciatório ficavam, portanto, no lugar mais sagrado da tenda, também chamado de a casa do propiciatório — o lugar onde Deus se revelava com toda sua luz e magnificência, concedendo graça e misericórdia (1 Cr 28.11).

Assim como o propiciatório cobria o conteúdo da arca, os querubins cobriam o propiciatório, isto é, a tampa da arca. A manifestação da glória de Deus sobre o propiciatório, entre as asas dos querubins, foi denominada, mais tarde, pelos judeus, de *shekinah* o que significa "morada", ou seja, o lugar que Deus escolheu para morar junto com o seu povo. Foi em função do propiciatório que toda a tenda passou a ser denominada a morada de Deus.

A tenda recebeu ainda a denominação de tenda do Testemunho (Tabernáculo) não só por abrigar as tábuas da lei, mas, acima de tudo, porque Deus estava dentro dela, dando testemunho de sua presença misericordiosa. Lutero a chamava de tenda dos estatutos ou tenda dos estatutos sagrados. Porém, a denominação correta é tenda da congregação. É bom frisar que, por congregação, não se entendia a reunião do povo, mas sim a aliança do povo com Deus em sua gloriosa presença. A arca era o ponto em que se dava a intermediação da aliança entre povo e Deus.

Representando a morada de Deus na terra, a arca com o propiciatório e os querubins representava também a glória e a honra de Israel.

Em Êxodo, capítulo 40, está escrito que, depois que Moisés concluiu o Tabernáculo, uma nuvem cobriu a tenda da congregação e a glória do Senhor encheu o Tabernáculo, de forma que Moisés teve que esperar para entrar nele. De dia, a nuvem do Senhor repousava sobre o Tabernáculo e de noite, havia fogo sobre ele. E assim foi à vista do povo de Israel em todas as suas jornadas.

As ofertas pelos pecados dos filhos de Israel faziam parte dos ofícios do Tabernáculo. Por meio delas, as pessoas manifestavam sua submissão a Deus, entregando o que possuíam.

Para a oferta de animais havia, como veremos, normas bem específicas. O animal sacrificado tinha que vir de um rebanho de gado, carneiro, novilho ou cabra. Tinha que ser sem defeito e em sua melhor idade: vaca ou touro deveria ter dois anos, carneiro ou cabra, um ano, e novilho menos de sete dias. Os pobres, desprovidos de rebanho, podiam oferecer rolas ou pombinhos. Esses animais eram comuns na região, de forma que ninguém podia deixar de fazer uma oferta sob pretexto de não ter o que ofertar.

Em Levítico temos uma descrição minuciosa das múltiplas ofertas e seus respectivos procedimentos. Ali, lemos a respeito da oferta queimada, da oferta de manjares (oferta cozida), da oferta de bebidas, da oferta de agradecimento, da oferta pelo pecado e pela ignorância. E, por fim, a oferta das solenidades, da congregação, da páscoa e a oferta do grande dia da expiação.

Procurando simplificar toda esta multiplicidade, podemos, dizer que as ofertas, de forma geral, eram feitas em busca do perdão e da paz no Senhor ou como forma de agradecimento pela expiação dos pecados e pelo restabelecimento da comunhão com Deus.

Na maioria das ofertas os procedimentos eram semelhantes. Em todas elas, a aproximação constituía a primeira e a mais solene das etapas. A apresentação da oferta ao santuário era considerada um momento de grande importância, o momento da aproximação, da entrega mais próxima de Deus. Este ato traduzia a certeza de que Deus estava ali, morando junto com o seu povo, no local da oferta.

Uma oferta feita diante de um local que não fosse designado por Deus constituía um sacrilégio para o povo de Israel.

A segunda etapa na apresentação da oferta era a imposição das mãos sobre a cabeça do animal em holocausto. A

intenção não era abençoar o animal, mas sim transpor para ele o pecado e a condenação.

A terceira etapa da cerimônia era o abate do animal. O israelita que pusesse o seu pecado na cabeça do holocausto teria, também, que derramar o sangue do animal sobre o altar. Em seguida, o animal era esfolado e cortado em pedaços, de acordo com o objetivo da oferta e os costumes.

As ofertas, de maneira geral, eram divididas em ofertas com sangue e ofertas sem sangue.

Entre as ofertas com sangue, a mais importante e mais solene era a oferta queimada que, normalmente, ocorria associada a outras ofertas. Com exceção da pele retirada, todo o corpo do animal era queimado pelo sacerdote, depois de devidamente cortado em pedaços. Neste tipo de oferta, somente animais machos eram sacrificados. A oferta deveria permanecer sobre o altar até o amanhecer, com o fogo ardendo. Na oferta queimada, o desejo de alcançar a expiação era mais forte, pois, a própria oferta com seu aroma adocicado era vista como a que mais agradava a Deus (Lv 1.9). Ali, onde o pecado era expiado, o bem-estar da presença divina repousava sobre os homens.

As ofertas diárias ou dos sábados, bem como a oferta principal do primeiro dia do mês e dos dias de festa, eram ofertas queimadas.

As ofertas pelo pecado e pela culpa eram as mais importantes dentre as ofertas objetivando a expiação. Pecado e culpa tinham, porém, uma conotação bem restrita e definida. Para o israelita, não havia pecado sem culpa, sendo o contrário bem possível, ou seja, uma culpa sem o que denominamos propriamente de pecado, um erro não intencional. Pecado (*chatah*) significava desvio do caminho correto, mas a palavra culpa (*ascham*) significava uma infração, um roubo que exigia indenização. A culpa tinha que ser reparada. Era considerado culpa, por exemplo, tocar o corpo morto de um animal imundo.

Aquele que apresentasse uma oferta pelo pecado podia ter cometido um pecado não intencional, mas o que apresentasse uma oferta pela culpa carregava em sua consciência uma culpa por um bem que ele deixara de praticar, nem sempre comprovado, mas, que era, por ele mesmo, admitido e confessado.

Nas avaliações e negociações em torno das ofertas era observado o seguinte:

Se um israelita não pudesse trazer uma oferta de agradecimento, ele se comprometia em trazer, junto com a oferta queimada, uma oferta de bebida ou oferta de manjares. Porém, em se tratando de oferta pelo pecado não havia essa possibilidade.

Já numa oferta pela culpa, o valor do animal sacrificado dependia da posição social e dos recursos da pessoa que fazia a oferta. Um chefe de tribo, por exemplo, deveria ofertar um cabrito; um israelita comum, uma ovelha; e os menos favorecidos, um par de pombos ou até mesmo um punhado de farinha.

Se, durante a cerimônia, a oferta fosse feita pelo pecado de todo o povo, o holocausto tinha que ser um robusto cabrito. Em caso de uma oferta comum pelo pecado, o sangue deveria ser respingado pelo lado do altar.

Se a oferta fosse pelo pecado de um sacerdote, o procedimento era diferente. Neste caso, não se queimava o que sobrava da comida ofertada, porque a sobra deveria ficar para o sacerdote e o pote em que a comida fora preparada deveria ser lavado sete vezes. Se o pote fosse de barro, deveria ser quebrado.

Nas ofertas pelo pecado da congregação de Israel, um carneiro robusto e dois bodes eram apresentados. Se o carneiro fosse apresentado como oferta queimada, o sacerdote deveria trazer também os dois bodes para a porta da tenda, para que um deles fosse ofertado e queimado. O outro bode deveria ser apresentado vivo ao Senhor e, em seguida, solto no deserto para que o pecado do povo fosse expiado. "Todos os pecados eram eliminados em um só dia."

O sangue do bode sacrificado seria aspergido sete vezes sobre a frente do propiciatório (o trono da graça) e os pecados do povo seriam colocados simbolicamente sobre a sua cabeça.

No Novo Testamento, na epístola aos hebreus, há uma menção às ofertas como ritual de purificação corporal e espiritual.

No momento em que o bode emissário, carregando os pecados da congregação, fosse solto no deserto, o processo de expiação estava concluído. Em seguida, o sacerdote se banhava novamente, e, vestido com as vestimentas sagradas, concluía a oferta queimada. O que sobrasse do animal sacrificado era queimado fora do arraial. Durante toda esta cerimônia, que se estendia desde a manhã até a tarde, o povo permanecia reunido diante da tenda do testemunho.

No que dizia respeito à oferta pela culpa, o ritual era praticamente o mesmo, com a diferença de que o sangue do animal sacrificado, em vez de ser aspergido nos cantos, ao redor do altar, era aspergido no pé do altar. A oferta pela culpa, implicava sempre uma indenização que deveria corresponder ao valor total mais uma quinta parte do dano causado a alguém ou ao terreno do sagrado.

A oferta de agradecimento era feita pela concessão do perdão e da paz no Senhor. Era também denominada ofer-

ta pacífica, na qual a pessoa recompensava o Senhor pelo que, dEle, recebera. Era também uma oferta voluntária, com o mesmo ritual da oferta queimada e da oferta pelo pecado, sendo que a escolha do animal sacrificado era mais livre, ficando a critério de quem fazia a oferta. As ofertas de agradecimento eram divididas em três: oferta em louvor, oferta de promessa e oferta voluntária. A oferta em louvor era feita em agradecimento por uma bênção inesperada. Diferentemente das demais ofertas, toda a comida ofertada tinha que ser consumida num só dia e, caso houvesse animal sacrificado, toda a carne deveria ser queimada num só dia.

A oferta voluntária ou oferta de doação devia ser realizada com alegria e prazer.

A oferta de promessa era feita quando alguém havia conseguido sair de uma situação perigosa. Pagar uma promessa feita ao Senhor era, portanto, um ato de grande seriedade que não deveria ser realizado apressadamente. Uma promessa feita por mulher, criança ou servo não tinha nenhuma validade sem o aval de um homem. Nenhuma promessa era válida sem a presença de uma testemunha.

Todas as doações feitas através de promessas passavam a pertencer ao tesouro do Templo. Nenhum bem adquirido de forma desonesta poderia ser doado, muito menos um bem

que fora abandonado ou desmembrado através de uma lei de direito comum. Aquele que assim agisse, seria acusado de cometer sacrilégio. Foi por essa razão, que o crime de Acã foi considerado tão grave.

A maior promessa que um israelita podia fazer era o sacrifício de si mesmo ao Senhor. Desta forma, tornava-se propriedade do Senhor, a serviço do Templo.

As ofertas sem sangue eram divididas em: 1) ofertas de manjares ou cozidas, feitas de farinha, pão levedado e bolos. Uma parte era queimada e a outra era servida ao sacerdote. Nas ofertas cozidas, tinha que haver sempre a substância de conservação, o sal, simbolizando a eterna e duradoura aliança com Deus e, por vezes, também, incenso aromático; 2) ofertas de bebidas, nas quais o vinho era a mais usada para molhar em torno do altar e a testa do animal sacrificado. A oferta de bebidas estava, quase sempre, associada à oferta de animais.

Cabe concluir que, em um Tabernáculo tão bem estruturado, exigindo tanto trabalho, supervisão e administração de tantas ofertas, era, obviamente, necessário o serviço de sacerdotes altamente qualificados, instruídos e designados por Deus.

O sacerdote que se ocupava das ofertas tinha uma posição e uma função sagrada. Originalmente, o sacerdó-

cio estava associado aos títulos de nobreza e de realza. Abraão e Abimeleque não precisavam de sacerdotes para officiar as ofertas para eles, pois eles mesmos desempenhavam esta função (Gn 21.22-31). Melquisedeque, Jetro e Jó eram igualmente sacerdotes em suas casas. Assim era no sistema patriarcal antes de Moisés. O mais velho da família era o primeiro na relação de poder e o primeiro no direito de se ocupar das ofertas (Gn 49.3). Naquele tempo, as três funções, a de mestre, de sacerdote e de rei, recaiam sobre uma só pessoa. Foi somente na era de Moisés que essas funções foram separadas e Deus passou a ser louvado como o verdadeiro e único rei do povo de Israel.

Quando Moisés assumiu o comando como profeta, o seu irmão mais velho, Arão, exerceu o sacerdócio. Os dois eram da tribo de Levi. Levi não recebeu, como os seus irmãos, nenhuma herança de Jacó. O Senhor deu-lhe, em compensação, a função de sacerdote.

apesar de nem sempre o herdeiro ter aptidões para o sacerdócio. Os que eram designados para servir no templo e no santuário eram classificados em três grupos: levitas, sacerdotes e Sumo Sacerdotes. Os levitas eram considerados superiores aos outros homens, os sacer-

dotes eram superiores aos levitas e os Sumo Sacerdotes tinham o mais alto posto na hierarquia dos judeus. É possível que todos os sacerdotes pertencessem à tribo dos levitas.

Se observarmos as leis, verificamos que os levitas recolhiam uma décima parte dos cereais, do rebanho, do azeite e do vinho das outras tribos, além de uma parte das ofertas. Os levitas doavam também uma parte dos seus bens aos sacerdotes.

Os levitas eram iniciados apenas com o ritual da purificação. Seus corpos eram lavados com água e suas vestes também. Em seguida, oficiavam a oferta dos pecados e a oferta queimada. Mas, em se tratando de oferta de agradecimento, os levitas se colocavam no lugar da oferenda. Eles mesmos se ofereciam para que o povo os entregasse ao Senhor e seus sacerdotes.

Os filhos de Israel colocavam, assim como faziam com o animal em oferta, suas mãos sobre a cabeça do levita e este passava a servir ao Senhor no templo, se ocupando da vigia, da limpeza, etc.

Quanto aos sacerdotes, suas vestes eram brancas e de puro linho, compostas de quatro peças (Êx 28.39; 39.27), ou seja: 1) uma roupa curta de baixo, colocada diretamente sobre a pele; 2) uma túnica inteira, sem costuras,

de mangas compridas e de algodão puro (Jo 19.23); 3) um cinturão tecido em cores púrpura e azul, amarrado com várias voltas logo abaixo do peito até a cintura e com duas pontas caídas até os pés, medindo, segundo informações dos rabinos, trinta e dois côvados; 4) um turbante de dezesseis côvados de comprimento, enrolado na cabeça, formando uma espécie de boina que o sacerdote deveria sempre usar.

As vestes do sacerdote eram denominadas vestes sagradas. Nas cerimônias de iniciação, os sacerdotes colocavam os paramentos para a solenidade e eram ungidos com óleo conforme está escrito em Êxodo 29.5.

Depois que Arão foi consagrado, seus filhos se vestiram como ele e, da mesma forma que ele, foram lavados com água e ungidos. O sangue do novilho imolado em oferta pelo pecado foi espirrado sobre o altar e sua base e também sobre as orelhas, mãos e pés de Arão e seus filhos sacerdotes. A eles, coube uma parte das ofertas feitas pelos israelitas durante a cerimônia de iniciação.

Um sacerdote não podia cometer ato que o contaminasse através de contato com um morto, salvo se este fosse parente mais próximo, mãe, pai, filho, filha, irmão ou ainda irmã virgem. O sacerdote, sendo o homem principal entre o seu povo, não podia se contaminar ou se aproximar de algo

considerado imundo. Se o fizesse, seria acusado de profanação. Além disso, não podia raspar nenhuma parte da cabeça, nem cortar as extremidades da barba, nem fazer marcas ou cicatrizes em sua pele.

Os sacerdotes eram santos porque oficiavam as ofertas queimadas e cozidas e ofereciam o pão ao Senhor. Não podiam tomar mulher prostituta ou desonrada, nem mulher repudiada pelo marido. Eram santos porque estavam a serviço do Senhor.

Um sacerdote ungido não podia deixar seus cabelos desalinhados nem rasgar suas vestes. Ele devia tomar uma virgem de seu povo como esposa. Ninguém entre os descendentes de Arão, que fosse aleijado ou defeituoso, poderia fazer oferta. Se ele fosse cego, coxo, ou de rosto desproporcional, tivesse pé ou mão quebrada, tivesse sarna ou outra doença de pele, não poderia apresentar ofertas no santuário. Poderia, sim, comer do pão santo e santíssimo, mas se tivesse defeito, não poderia entrar até o véu, nem ir até o altar para que não profanasse as coisas sagradas do Senhor.

tivessem das coisas sagradas dedicadas ao Senhor pelos filhos de Israel. Quem lhe desobedecesse perderia a sua proteção divina.

Se contraíssem doença de pele ou tivessem fluxo seminal, teriam que se abster de comer as doações sagradas até que ficassem inteiramente limpos de novo.

Os que se envolvessem com cadáveres, com animais pequenos e sujos e outras imundícies tinham que se purificar com banhos e só depois do por do sol, podiam se considerar limpos novamente e com direito a comerem a comida sagrada.

A oferta pelo pecado exigia sempre, dos sacerdotes, bom comportamento e o cumprimento de seus deveres perante o Senhor. Além disso, eram obrigados a doar um décimo de suas posses para o tesouro do Templo.

meiro Sumo Sacerdote, não usava, no entanto, este título, que só foi mencionado na Bíblia em 2 Reis 12.1. Na epístola aos Hebreus, o título de sumo sacerdote é mencionado várias vezes.

Tudo o que constituía as vestes do sumo sacerdote, os paramentos, as cores, os bordados, os mínimos detalhes, tinha um significado espiritual. As romãs bordadas evocavam a suavidade e a doçura das palavras, enquanto o tilintar dos guizos, pendurados nas vestes sacerdotais, evocavam a energia das palavras. Sobre o peitoral, o Urim e o Tumim, significavam luz e plenitude. Sobre o

turbante, a lâmina feita de puro ouro, a coroa sagrada, com a inscrição "a santidade de Jeová" conferia realze ao sacerdote. Nela, todo israelita reconhecia a consagração do sumo sacerdote como servidor do povo, em nome do Senhor.

Quando um sacerdote apresentava uma oferta pelo seu próprio pecado ele devia queimá-la fora do arraial. Quando um sumo sacerdote fazia oferta pelo seu próprio pecado, tinha que aspergir sangue sobre o véu do Lugar do Santíssimo, e depois, sobre os cantos do altar de incensos.

Em caso de oferta pelo dia da expiação dos pecados, o sangue do animal sacrificado era aspergido sete vezes sobre a Arca da Aliança e o mesmo número de vezes sobre o canto do altar da oferta queimada. Os sacerdotes eram proibidos de beber vinho.

Passamos agora as atribuições dos sacerdotes, seus direitos e obrigações perante o seu povo. A função do sacerdote era intermediar tanto para os israelitas quanto para os levitas. Eles estavam encarregados de apresentar a Deus as ofertas e doações do povo. No abate do animal sacrificado, o sacerdote era quem colhia o sangue na tigela de cobre. Aspergir sangue também era função do sacerdote. Tudo isso sempre ocorria, segundo normas e procedimentos bem definidos.

Em se tratando de oferta queimada, o sangue deveria ser respingado em volta do pé do altar. Se a oferta fosse pombos, o sangue era respingado somente no pé do altar. Na oferta pelo grande dia da expiação, o sacerdote sacrificava, antes de tudo, um carneiro seu para a expiação dos seus próprios pecados.

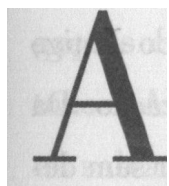
Nos rituais de limpeza, como por exemplo, no contato com pessoas com doença de pele, o sacerdote, examinava o doente fora do arraial. Depois, o sacerdote declarava a pessoa ou impura, isto é, com lepra, ou pura, se tivesse em processo de cura. Neste último caso, dois pássaros sãos, madeira de cedro e lã tingida de carmesim eram oferecidos pelo doente. Um dos pássaros era abatido sobre um pote com água para que o sangue escorresse dentro da água. O pássaro vivo, a madeira de cedro e o carmesim eram molhados no sangue do animal sacrificado. Em seguida, o pássaro vivo era solto.

A função do sacerdote era, portanto, officiar as ofertas pelos seus próprios pecados e pelos do seu povo para que lhes fosse concedido o perdão e fossem purificados.

ordens que, através de Moisés, ele recebera do Senhor. Só desta maneira, seu serviço seria reconhecido pelo povo e agradaria a Deus.

Caso não agisse como deveria, a ira de Deus recairia sobre ele, como foi o caso dos filhos de Arão, Nadabe e Abiú, que, caíram mortos, atingidos pelo fogo, após terem oferecido fogo estranho ao Senhor. Se o sacerdote seguisse as ordens divinas, o Senhor estaria ao seu lado, abençoando-o física e espiritualmente.

**COMPARAÇÕES E
CONTRAPOSIÇÕES¹
AO TABERNÁCULO**



nalizando a história da orientação divina, recebida por nós, ao longo dos tempos, veremos que ela nos chega através de exemplos, comparações e contraposições, sempre visando o desenvolvimento do bem.

A presença de Cristo, por exemplo, pode ser interpretada como uma contraposição ao Tabernáculo, pois, foi para nos redimir que Cristo entrou nos céus — o verdadeiro tabernáculo, aquele que não foi construído pelas mãos do homem.

Cristo não precisou, como o Sumo Sacerdote, se aproximar do santuário para apresentar um holocausto, já que Ele próprio se transformou em holocausto. Tendo sido consagrado num santuário maior, Ele ofereceu, de uma só vez, o seu corpo e o seu sangue.

Cristo é, portanto, perenemente, o nosso Sumo Sacerdote na Casa de Deus.

Através do seu sangue, nos tornamos seguros de que um novo caminho para a redenção poderá ser percorrido.

Através do corpo e do sangue de Jesus, ingressamos na Casa do Senhor, nosso Pai.

Cristo foi, ao mesmo tempo, aquele que ofertava a própria oferta e o nosso verdadeiro e eterno sacerdote. Foi, por analogia, o tabernáculo do Novo Testamento, o santuário onde Deus nos é revelado por meio da oração.

Por meio de Cristo, nos apresentamos também como oferta no altar do Senhor. Em Cristo, todas as ofertas do Antigo Testamento se tornam uma única e gloriosa realização. Da mesma forma que o animal sacrificado tinha que ser sem defeito, Cristo era puro, sem mácula e sem pecado. Ele carregou sobre os seus ombros os nossos pecados até o alto do monte Gólgota para nos redimir de uma vez por todas e para sempre.

Em João, capítulo 1, lemos: "Todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, os que creem no seu nome".

O Tabernáculo do Antigo Testamento era sagrado assim como Cristo também o é, através do Espírito Santo.

Assim como o Tabernáculo do Antigo Testamento foi construído por ordem divina, Cristo foi enviado para ser

o Salvador dos homens — o tabernáculo espiritual de Deus.

Ao átrio do Tabernáculo se contrapõe ao caminho da salvação, que nos leva ao templo maior, ao santuário celestial.

O átrio do Tabernáculo representa todos os redimidos que não estão dentro da congregação. Assim como o átrio era para todos, mesmo que tivesse compartimentos específicos para mulheres, gentios, etc., os cristãos também se reuniam em grupos e associações para, juntos, orarem e estudarem a Palavra de Deus. Mas a formação de congregações com estatutos não era vista como necessária por todos. Alguns consideravam que lhes bastava acreditar na salvação, que lhes bastava a fé e a crença na Palavra de Deus.

Queriam, simplesmente, se sentir livres quando escutassem a Palavra de Deus. Alguns não queriam pertencer a uma congregação por causa das despesas que isso poderia implicar, outros por ignorância e por desconhecimento a respeito da salvação e da bênção ou por, simplesmente, habitarem tão longe de uma congregação que, mesmo que quisessem, ficavam impossibilitados de participar².

As analogias com a função do átrio na tenda do Testemunho são muitas: Depois de ter ouvido a Palavra

de Deus e ter sido salvo, o redimido passa ao átrio onde se encontra o sacerdote, no altar das ofertas para receber o Cristo sacrificado. Em seguida, pode entrar na tenda do Testemunho (a igreja cristã). Segundo a epístola aos Hebreus, o caminho para os céus seria revelado depois que o primeiro tabernáculo fosse substituído pela aliança com Deus nos novos tempos.

Assim como a tenda do testemunho, com todos os seus utensílios, foi ordenada por Deus, a igreja cristã recebeu de Deus suas normas e seus mandamentos. A tenda no Antigo Testamento era o lugar onde Deus se revelava, enquanto as igrejas cristãs são, hoje, o lugar da presença de Deus, o lugar onde se faz a sua vontade. O primeiro era constituído de riquezas e material precioso, o segundo é constituído também de material precioso, isto é, de almas humanas redimidas do pecado por meio da graça de Cristo Jesus. Desta forma, à tenda do Antigo Testamento se contrapõe a igreja cristã do Novo Testamento.

A bacia com água ficava em frente da tenda e, na água, Arão e seus filhos limpavam seus pés e suas mãos antes de adentrarem o santuário para que não morressem. Já o batismo é a maneira pela qual o cristão ingressa na Igreja de Deus. Aquele que crê e recebe o batismo será salvo. Após o batismo,

seremos sepultados com Deus, e assim como Cristo ressuscitou dos mortos, passaremos a caminhar em uma nova vida.

Não é propriamente o batismo que salva, mas, batizados, temos a consciência de um dever cumprido perante o Senhor. Então, batizemo-nos, todos, em nome do Senhor. Além disso, Cristo disse que seríamos chamados para o batismo quando nos tornássemos discípulos. O batismo nas águas constitui, portanto, uma pré-condição para entrarmos em uma igreja, da mesma forma que o lavar dos pés e das mãos com a água da bacia era uma pré-condição para o sacerdote entrar na tenda do Testemunho.

Ao candelabro, se contrapõe a Palavra de Deus. A luz significa conhecimento e o candelabro, o povo de Deus como o portador deste conhecimento, enquanto as sete lâmpadas remetem à sabedoria, à revelação e ao espírito divino. Se o candelabro não existisse, reinaria a treva e assim, seria igualmente nas igrejas, se Deus não tivesse nelas colocado a sua Palavra, a luz que brilha dia e noite. No capítulo 1, versículos 1 a 5 do Evangelho de João, lemos: "No princípio, era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por ele, e, sem ele nada do que foi feito se fez. Nele, estava a vida e a vida

era a luz dos homens; e a luz resplandece nas trevas, e as trevas não a compreendem".

A Ceia do Senhor se contrapõe à mesa dos pães da proposição. Os pães da proposição eram doze, como o número das tribos de Israel, para que o povo unido se entregasse a Deus. Jesus também declarou ser o pão o seu alimento.

Nas Escrituras lemos: "Preparas uma mesa perante mim na presença dos meus inimigos" (SI 23.5a). E no que se refere ao serviço do sacerdote lemos: "Quando o sol nasce, eu faço a minha oração e espero a tua resposta" (SI 5.3b - TLH). Cristo nos foi enviado por Deus, por meio do pão vivo, para que pudéssemos viver na eternidade. Cristo disse que, sem comermos da carne e bebermos do sangue do Filho, não haveria vida em nós.

No que diz respeito aos primeiros discípulos, sabemos que, entre eles, reinava grande harmonia no momento de partir o pão. O pão da proposição no Tabernáculo era sagrado, assim com o é o pão vivo que representa o corpo de Cristo. O ato de comer deste pão foi instituído pelo Senhor para que os seus filhos pudessem entrar em comunhão com Ele.

Só os batizados, irmãos e irmãs em Cristo, podem participar desta ceia, com fé em Jesus ressuscitado.

O altar dos incensos encontra analogia na oração, conforme lemos em Hebreus 4.16. Portanto, vamos com coragem chegar até o trono da graça, onde encontraremos misericórdia na hora certa. Aos incensos usados nas ofertas se contrapõe a oração e o louvor. A oração é, simbolicamente, um incenso que exala perfume e sobe do coração santificado até o trono da graça. A fumaça aromática que subia do altar, agradava a Deus, assim como agrada a Deus, o coração dos que aprenderam com o Espírito Santo. Assim como o incenso estranho não era aceito nos altares, a oração, vinda de um coração de pouca fé, não é aceita pelo Senhor. Somente a oração feita por um coração cristão cheio de fé agrada a Deus e é aceita por Ele como oferta.

À arca da aliança se contrapõe o trono da graça. A lei, que ficava guardada dentro da arca, se revelava através da tampa da propiciação, o propiciatório ou o trono da graça.

Fica evidente que é, neste lugar, que colocamos, em contraposição, a fé em Cristo, no seu sangue derramado para redimir os pecados do mundo (Rm 3.24,25). Assim como a tampa da Arca da Aliança, Cristo teve a função de cobrir, através da obediência, a ira provocada pela lei, com suas exigências de justiça. A pureza da fé, trazendo misericórdia e expiação, está representada, simbolicamente, no ouro puro

que cobria a arca por dentro e por fora. Pedro fala do ouro puro da fé.

Quanto ao significado dos querubins sobre o trono da graça, podemos nos referir aos Salmos 89.15: "Justiça e direito são o fundamento do seu trono; graça e verdade estão diante de sua presença".

As palavras de Pedro nos remetem à posição curvada dos querubins voltados para o trono da graça, quando ele diz que a salvação em Cristo é a bem-aventurança, em que os anjos se curvam para perscrutar a salvação em toda sua profundidade. "Aos quais foi revelado que, não para si mesmos, mas para nós, eles ministravam estas coisas que, agora, vos foram anunciadas por aqueles que, pelo Espírito Santo enviado do céu, vos pregaram o evangelho, para as quais coisas os anjos desejam bem atentar" (1 Pe 1.12).

O que os anjos contemplam na profundidade é a plenitude da graça, a verdade diante da presença de Deus, da mesma forma que o par de querubins contemplava o propiciatório. A expressão "a graça e a verdade" merece atenção especial por ter sido muito empregada no Antigo Testamento, principalmente nos Salmos. Apenas no Salmo 89, a expressão aparece sete vezes. Essa expressão dupla pode ter constituído o elemento principal da revelação de Deus na antiga aliança e, provavelmen-

te também na nova, quando entendemos que Cristo veio pleno de graça e verdade.

Através de Moisés vieram as leis, através do Cristo vieram a graça e a verdade (a graça e a verdade tão prometidas e cantadas pelo profeta). A glória de Deus se revelava na tenda do testemunho, acima de tudo, sobre o propiciatório, assim como a glória de Deus se revela por meio do seu Filho cheio de graça e verdade.

Por fim, o santuário celestial se contrapõe ao Tabernáculo, conforme lemos em 2 Coríntios 5.1,2: "Porque sabemos que, se a nossa casa terrestre deste tabernáculo se desfizer, temos de Deus um edifício, uma casa não feita por mãos, eterna, nos céus. E, por isso, também gememos, desejando ser revestidos da nossa habitação, que é do céu".

Em Apocalipse 13, consta que uma besta abre sua boca para blasfemar contra Deus, seu nome e seu tabernáculo, a saber, os que habitam no céu. E, em Apocalipse 21.3, lemos o seguinte: "E ouvi uma grande voz do céu, que dizia: Eis aqui o tabernáculo de Deus com os homens..." . Em Apocalipse 15.5: "E, depois disto, olhei, e eis que o templo do tabernáculo do testemunho se abriu no céu".

Em Hebreus 8.5: "os quais servem de exemplar e sombra das coisas celestiais, como Moisés divinamente foi avisado, estando já para acabar o tabernáculo; porque foi

dito: Olha, faz tudo conforme o modelo que, no monte, se te mostrou".

Já quem observa o Novo Testamento pode contemplar uma cidade de imensas dimensões geográficas, também chamada de tenda de Deus, a nova Jerusalém, em cujo nome está contido o mesmo pensamento fundamental, o de uma tenda do testemunho no deserto. Onde vemos o término de uma era, temos o começo de outra. Na cidade de Deus, com sua tenda celestial, contemplamos a consumação do conselho de Deus à humanidade, de forma que a tenda do testemunho não deve ser vista apenas como um símbolo, e sim, como o início do reino do Senhor junto ao povo eleito.

¹ N. do E.: O graduando Gunnar Vingren, usando a terminologia teológica do seu tempo, aplica aqui a técnica de estudo da Bíblia que conhecemos hoje como tipologia bíblica. Esta técnica está associada bem de perto à alegoria remontando assim à escola alexandrina dos séculos 3 e 4 da era cristã com Clemente, Orígenes e seus sucessores defendendo a alegorização da Bíblia. Por meio da tipologia bíblica pessoas, eventos, instituições ou objetos de qualquer espécie passam a simbolizar ou ilustrar a pessoa de Jesus Cristo, ou então aspectos da fé, da doutrina, das práticas, das instituições cristãs, etc. Há os tipos e os antítipos bíblicos. Para melhores conhecimentos sobre o assunto, leia *Hermenêutica Fácil e Descomplicada*, de Esdras Costa Benthô, CPAD, páginas 126 a 128 e 226 a 236. Também *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*, de R. N. Champlin, Candeias, página 555.

² N. do E.: O contexto dessas palavras de Gunnar Vingren nestes dois parágrafos parece ser o da situação religiosa dos seus conterrâneos batistas na Suécia. No século 19 e início do século 20, a idéia de liberdade religiosa encontrava a mais determinada oposição dos luteranos que formam ainda hoje a Igreja Estatal Sueca. Embora, na teoria, a tolerância religiosa tenha sido garantida pela nova Constituição de 1809 dando para todos os súditos do reino o livre exercício de religião, esta lei permaneceu como letra morta durante a primeira metade do século 19, por causa da antiga Lei de Conventículos de 1726. Pessoas que fossem encontradas em reuniões consideradas clandestinas eram tidas como conspiradoras e ficavam sujeitas às penalidades e à prisão no caso de duas ofensas. Na terceira ofensa era banida do reino. Com a chegada de avivamentos, o princípio da liberdade religiosa estava sendo submetido a uma verdadeira prova, e pessoas com tendências pietistas que deploravam o mundanismo da igreja, ainda que na doutrina eles fossem bons luteranos, logo

descobriam quão impossível era encontrar a liberdade para cultuar a Deus de acordo com os ditames de suas consciências na terra onde a igreja estatal governava com mão de ferro. A Lei de Conventículos, aplicada com todo o seu rigor, mandou centenas de crentes para as cadeias. Somente gradualmente e sob a pressão de uma opinião pública esclarecida a igreja estatal se rendeu às forças da liberdade religiosa. Concessões foram feitas nas décadas de sessenta, setenta e oitenta do século 19. Antes disso, porém, muitos filhos e filhas de suecos buscaram um lugar seguro nas fronteiras da América do Norte para professarem livremente sua fé. (OLSON, Adolf. *A centenary history — as related to the Baptist General Conference of America*. Chicago, Illinois, Baptist Conference Press, 1952, p. 13)

CONCLUSÃO



Gostaríamos de analisar, por último, os benefícios e a bênção de podermos acompanhar, passo a passo, a mão de Deus conduzindo o seu povo, na obediência e na desobediência. Sabemos que quanto mais convivemos com uma pessoa, mais a conhecemos e, assim, é também a nossa relação com Deus. Quanto mais nos dedicamos a estudar a forma pela qual Ele conduziu o seu povo, desde a retirada do Egito para a Terra de Canaã, desde os dias de Abraão até quando foram expulsos da Terra Prometida, a Palestina, mais entendemos seus planos. O Senhor não permitiu que eles avançassem de um dia para o outro. Não, o Senhor quis que o seu povo avançasse gradativamente ao longo do tempo.

O surgimento deste povo ocorreu com o chamado do Senhor a Abraão para que, de Ur na Caldeia, ele fosse viver junto com o seu povo, como estranho numa terra que o Senhor lhe prometera, sendo Isaque e Jacó herdeiros desta mesma promessa. Em seguida, vemos o povo de Israel se espalhar pelas terras do Egito, até que a força do Senhor os retirou dali, libertando-os da servidão e da miséria, para que pudessem, livres, servi-Lo da maneira correta. O Senhor não permitiu que tudo isso se desse de uma só vez, como poderia tê-lo feito. Não, o Senhor quis que, orientados por Ele, passo a passo, o seu povo percorresse, ao longo do tempo, seu próprio caminho.

E, é desta forma, que o Senhor também nos guia, passo a passo para o céu. O Senhor sabia que, depois da adversidade, dos empecilhos e dos perigos do caminho, a Terra Prometida seria muito mais bela e mais valorizada pelo seu povo. Assim também a nossa Canaã celestial será muito mais bela quando alcançarmos o objetivo de salvar nossas almas. Depois que os filhos de Israel saíram do Egito, o Senhor os colocou à prova no mar Vermelho, pois queria que o adorassem, entendessem e se submetessem a Ele.

Assim, o Senhor nos coloca igualmente à prova, fazendo-nos entender que tudo depende da sua vontade e da sua glória. Não conseguimos nada de bom sem sua graça, sem

sua ajuda. NEle vivemos e nEle está a nossa existência, disse Paulo.

Assim como o Senhor os conduziu através das águas do mar Vermelho, Ele nos conduz através das águas da tentação e do pavor, enquanto vemos nossos inimigos sucumbirem.

Ele deu ao seu povo o maná do céu para que tivesse o sustento diário, assim como nos dá, cada dia, o maná celestial que é a sua palavra.

O mais grandioso é que o Senhor ia junto com seu povo, dando-lhe conforto e consolo, e caminha também conosco, mostrando-nos o caminho certo.

Quando eram obedientes e agradavam ao Senhor, tudo o que faziam progredia. E, quando não obedeciam às ordens do Senhor, Ele, ainda assim, mostrava-lhes a sua face misericordiosa perdoadando-lhes quando se arrependiam.

Ele os guiou na direção do poder e do reconhecimento das outras nações, como foi no período de Davi e Salomão, sem nos esquecermos de Cristo, a oferta maior, que veio cheio de graça e perdão.

Mas o seu brilho e poder foram rapidamente se arrefecendo, diante das outras nações, quando passaram a desobedecer a Deus.

Mesmo assim, o Senhor foi misericordioso, enviando-lhes o Libertador e Salvador, Jesus Cristo, que veio para

que seus corações se voltassem para Deus e fizessem a sua vontade.

Queremos, agora, analisar os benefícios e o conforto de termos as contraposições ao Tabernáculo. Que seria de nós sem Cristo? Como nos conforta constatarmos que o Tabernáculo se completa em Cristo, que é o centro do cristianismo — com Ele, vida; sem Ele, morte. O Tabernáculo apontava, ao longo dos tempos, para Cristo Jesus.

Se analisarmos o que até agora foi dito, constatamos que a essência de tudo é o conceito de expiação. Assim como a oferta com sangue desempenhava um papel importante no processo de expiação, entendemos que o perdão pelos pecados só se alcança com o derramamento de sangue. Concluímos, assim, que o pecado é eliminado com o cessar da vida. Trazer a oferta para perto de Deus, era trazer a morte. No animal sacrificado era depositado o pecado dos homens. No momento em que a pessoa que ofertava colocava suas mãos sobre a cabeça do animal, ela colocava o animal no seu lugar, pressupondo que era ela mesma quem se entregava à morte.

Como pensar na expiação e no perdão? Bem, quando se entregava uma oferta com sangue a Deus, subentendia-se que o animal ocupasse o lugar da pessoa que fazia a oferta.

O sangue, em si, não trazia a expiação. Mas o sangue contém a vida e o sangramento pressupunha a morte que era o que, realmente, poderia trazer a expiação (Lv 17.11).

Somente por meio da fé no esperado Cordeiro de Deus, que afasta os pecados do mundo, o israelita poderia experimentar o consolo da expiação.

O sangue de Jesus, que representa a grande oferta pela expiação dos pecados, é, o verdadeiro sangue derramado, em contraposição ao sangue que era aspergido pelo sacerdote no altar do holocausto.

O Tabernáculo era considerado a perfeição em miniatura, mas o caminho da salvação é ainda mais perfeito e completo.

Quando o homem começa a ouvir a Palavra de Deus, ocorre uma interrupção da escuridão para a luz, do poder de Satanás para o poder de Deus, e ele se transforma por meio da graça divina tornando-se membro do corpo da Igreja de Deus. Assim como os filhos de Israel foram batizados em Moisés no mar, os que creem são batizados em Cristo. Eles compartilham da luz maravilhosa de Deus e caminham, guiados por ela, em comunhão com Jesus, purificados pelo seu sangue, com o perdão dos pecados, no reino de sua graça. Vivem em comunhão com seus irmãos, celebrando a memória de Cristo, sua paixão e morte, por meio do alimento que lhes foi por Ele oferecido. Recebem o maior de todos os

poderes, isto é, o poder de orar e ter os rogos atendidos, a exemplo de John Knox e muitos outros.

Aqueles que creem podem se aproximar do trono da graça de Jesus Cristo e receber dEle tudo o que pedirem. A cruz é a sua honra e o trono da graça, seu refúgio face aos inimigos e à ira de Deus, o lugar onde Deus se revela, compartilhando com eles sua glória.

Assim, depois que o Espírito Santo realiza a obra de salvação em seus corações ou em suas almas, podem, finalmente, ingressar no santuário celestial para contemplar aquEle que, aqui na terra, acreditaram e em cujo nome sofreram. Ali, ninguém poderá mais impedi-los de servir e adorar a Deus da forma que suas almas redimidas e libertadas desejam. Ali, no tabernáculo celestial de Deus, poderão, eternamente, permanecer distantes do pecado, da morte e de todo o mal.

O TABERNÁCULO E SUAS LIÇÕES POR GUNNAR VINGREN

Em 1909 Gunnar Vingren concluiu seu curso teológico escrevendo uma monografia tendo como tema a memorável história do Tabernáculo. Em 31 de maio de 2010 uma cópia da monografia foi doada ao Centro de Estudos do Movimento Pentecostal (Cemp). Inaugurado pela CPAD em setembro de 2009, o Cemp tem por objetivo auxiliar pesquisadores, pastores e crentes em geral a compreender o Movimento Pentecostal e como se chegou até aqui.

Escrita originalmente à mão e em sueco, esta obra foi traduzida e publicada pela CPAD em forma de livro para servir como uma rica fonte teológica e de edificação aos obreiros e igrejas.

O Tabernáculo e suas Lições por Gunnar Vingren é um comentário devocional com notória espiritualidade visando à aplicação prática na vida de seus leitores. Uma obra simples, porém profunda e com muita devoção, assim como eram as pregações do fundador das Assembleias de Deus no Brasil, Gunnar Vingren.